

A ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DE PAPÉIS SOCIAIS DE GÊNERO.

Priscila da Silva Nascimento¹

RESUMO:

A escola pública brasileira nos últimos anos tem abrigado as mais variadas representações fundadas nas diferenças de sexo, raça, classe, convicções e outras, hierarquizadas socialmente. Ela tem trabalhado essas representações diversas e singulares de forma a imobilizá-las, impondo um padrão que não encontra legitimidade entre os sujeitos aí envolvidos

PALAVRAS CHAVES: Escola, gênero, papéis sociais.

Introdução

Este artigo é uma análise sociológica resultante de uma ação direta proposta pelo Coletivo Feminista: *Mulheres Livres* em uma escola pública de Ensino Médio e Fundamental da cidade de Marília - SP².

O grupo existe há três anos e tem por objetivo estimular discussões acerca do tema gênero dentro da Universidade Estadual Paulista – campus de Marília, e em espaços externos ao conjunto universitário abertos para o tema na mesma cidade.

¹ Estudante do curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista – Marília. Integrante no Grupo de Estudo: Relações Sociais de Gênero e Educação e membro do Núcleo de Direitos Humanos de Marília.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3207246768598287>

² Mulheres Livres – Mujeres Libres. O nome do grupo faz referência a uma Federação de mulheres que lutou na Revolução Espanhola contra o regime fascista de Franco.

Desvinculado de qualquer instituição ou órgão acadêmico, sua política visa à construção de espaços autônomos de discussão que permitam uma elaboração coletiva das reflexões desenvolvidas dentro do grupo. Com várias formações desde a sua constituição, é composto atualmente por homens e mulheres, estudantes da Universidade Estadual Paulista, cujas formações perpassam as áreas de ciências sociais, pedagogia e filosofia.

É por meio da associação teoria e prática, que o grupo propõe a leitura de obras que discutem a questão de gênero, exhibe filmes seguido de debates e realiza práticas de intervenção na comunidade com Oficinas.

Oficina é entendida nesta análise como,

Um trabalho estruturado com grupos, independentes do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir (CARVALHO, 2005).

As oficinas foram a expressão de amplas discussões realizadas no interior do grupo que apontavam constantemente para a necessidade de se conhecer quais os papéis sociais de gênero travados na dinâmica das escolas de Marília. Assim, o Coletivo Feminista propôs uma Oficina sobre gênero para alunos do ensino médio da rede pública; a opção pela escola foi sugestão da coordenadora da Semana da Mulher de 2007, evento realizado anualmente pelo Núcleo de Direitos Humanos de Marília³.

Analisaremos o papel da instituição escola para a manutenção ou superação dos modelos construídos historicamente de feminino e masculino para meninos e meninas com o intuito de iluminar um outro ângulo da relação pedagógica ainda pouco trabalhando nas escolas – a questão de gênero. Para tal ilustramos a discussão das oficinas sobre o tema-problema das relações sociais de gênero e as visões expressadas pelos alunos em relação aos padrões de comportamento e beleza produzidos pela indústria cultural.

A escola e a questão de gênero

³ Gênero é entendido neste trabalho como o “conjunto de representações que cada sociedade constrói ao longo de sua história sobre o feminino e o masculino” (AUAD, 2006).

Entendemos que a escola além do papel de transmitir o conhecimento historicamente construído está encarregada de inculcar valores e concepções do masculino e do feminino que possibilitam julgar natural que meninos e meninas desenvolvam determinadas competências, habilidades e sensibilidades.

No artigo – *Indisciplina na escola: uma questão de gênero* temos que: “A escola está estruturada para que as pessoas sejam todas iguais, para que existam padrões únicos e hegemônicos de masculinidade e feminilidade”. (MOREIRA, SANTOS, 2004)

Tal fato poder ser exemplificado nos documentos oficiais como, por exemplo, a constituição brasileira de 1988 com o Título II, Dos Direitos Fundamentais, capítulo I, artigo 5º: Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações nessa constituição. Ou mesmo nos documentos próprios da entidade escolar como os planos pedagógicos que não mencionam em nenhum momento haver diferenças entre meninos e meninas no seio da escola.

É sob um discurso planejado e ideal, amparado no conceito de uma democracia niveladora das diferenças existentes, que são feitas as propostas político-pedagógicas dentro das escolas.

Assim, se não encontramos nos documentos oficiais traços de produção e reprodução das desigualdades de gênero, onde estariam elas?

Segundo Delamont apud (SOUZA, 2006), as distinções de gênero são mantidas pela escola através da sua organização e conteúdo das lições, das conversas informais entre alunos e professores e das atividades estereotipadas das crianças. Souza (2006) afirma,

Quando chegam à escola, meninos e meninas já começam a aprender a linguagem diferenciada de gênero; começaram aprender como falar diferentemente como uma menina ou um menino, como falar com outras meninas e meninos, e como falar sobre elas/eles. Esta aprendizagem continua através dos anos escolares e posteriormente.

A diferença de tratamento para homens e mulheres é implícita, não é facilmente identificada em comportamentos claros e explícitos. Nos ateremos nos tipos de cobrança para meninos e meninas por parte da instituição escola e também nos conteúdos ideológicos que os

livros didáticos apresentam na tentativa de naturalizar as relações sociais entre homens e mulheres.

Walkerdine (1995, p.207), a partir de investigação desenvolvida na Inglaterra, comenta a discrepância na avaliação dos docentes diante de meninos e meninas: “enquanto o bom desempenho escolar das meninas era atribuído ao seu esforço, o desempenho inferior dos garotos era percebido como não-realização de um potencial brilhante devido ao seu comportamento ativo, lúdico”.

A manutenção das disparidades entre os gêneros parece ser um traço comum na cultura ocidental, no Brasil também temos conclusões semelhantes com o trabalho de Marília Pinto de Carvalho no artigo: *Mau aluno, boa aluna?. Como as professoras avaliam meninos e meninas*, onde coloca como as noções de masculinidade e feminilidade dos professores interferem em seus julgamentos sobre o que é mais valorizado nos comportamentos de meninos e meninas.

Ela observa que a imagem de *bom aluno* predominante dentro das escolas, o participativo, que consegue ter um elo legal com o grupo, que se envolve com a escola e é questionador, é identificado mais com um gênero que com outro,

Assim, quem efetivamente se encaixava no perfil de excelente aluno, participativo, crítico e ao mesmo tempo cumpridor das tarefas, rápido na aprendizagem e organizado, era um pequeno número de meninas “questionadoras” e, especialmente um número irrisório de meninos (CARVALHO, 2001).

Além da questão do desempenho escolar, temos a cobrança de uma feminilidade, os cadernos escolares são para muitos professores critérios de avaliação, espera-se das meninas cadernos mais limpos e com maior zelo que o dos meninos, as exigências são diferenciadas. A limpeza e o asseio são características consideradas próprias das mulheres e como tal são requisitas para as meninas conforme relato,

Do ponto de vista das professoras, os cadernos parecem materializar certas características relativas ao gênero, expressando a feminilidade através da limpeza,

organização, cores, capricho, decalques e enfeites, e a masculinidade através do desleixo, desorganização, sujeira. (CARVALHO, 2001).

Este exemplo simples revela que múltiplos são os símbolos que de forma intensa afirmam as diferenças; gera-se expectativas sexistas, que são estimuladas pela escola por meio também do material pedagógico. “Uma verdadeira materialização de uma simbologia de masculinidade e feminilidade” (CARVALHO, 2001).

Quanto aos livros didáticos utilizados nas escolas, muitos deles trabalham no sentido de afirmar papéis dentro da sociedade, apoiando a manutenção de relações desiguais.

Swann apud (SOUZA, 2006) salienta a importância em se observar a veiculação de estereótipos nos livros didáticos, que geralmente apresentam a mulher como “incompetente” para a Ciência ou em profissões legitimadas como de domínio dos homens, além da associação das mulheres como mais emocionais e menos dotadas de força física.

No livro: *Belas Mentiras*, de Maria de Lourdes e Chagas Deiró os autores apontam para a necessidade de se pensar os conteúdos ideológicos presentes nos textos didáticos, e para tal analisam o teor de obras voltadas para alunos entre 7 e 10 anos. Dentro da família nuclear colocada como modelo pelos livros, temos o papel da mulher e do homem bem definido: “O pai se dedica a um trabalho sério, pois dele depende o sustento da família. A mãe não trabalha, apenas trata do lar, do marido e dos filhos. Nunca o pai é citado como responsável pelos filhos, pois esse é papel reservado à mãe” (LOURDES; DEIRÓ, 1979, p. 36).

A mãe e a mulher em geral, são citadas geralmente como donas-de-casa e cozinheiras por excelência, tem seu papel social reduzido ao de esposa e desinformada, conforme cita o trecho de um livro:

Se Candido (...) passou a manha toda lendo o jornal, sentado na cadeira de balanço.

Vovó (...) perguntou o que havia de interessante no jornal:

- Alguma notícia boa? De guerras eu não quero saber.
- Estava lendo como os americanos tinham trazido areia e pedra da lua, para serem examinados aqui.
- Este mundo está perdido, disse Dona Elza. Deviam deixar a lua em paz (LOURDES; DEIRÓ, 1979, p.38).

Os textos didáticos afirmam modelos de comportamentos para homens e mulheres, pois segundo os autores, ao se defender uma padronização, se elimina toda e qualquer possibilidade de debate racional a respeito das tarefas do homem e da mulher. Introduce, assim, uma forma de imobilidade social, e que esta inércia é alimentada mediante a um aparente elogio à capacidade da mulher o que na verdade esconde um real interesse impedir um movimento para a sua libertação,

A mulher como dona-de-casa, é elogiada e se impedem críticas à sua função, mas como se ela fosse um ser inferior: *também* ela trabalha. Ao se fazer referência ao homem, diz-se que ele trabalha e não que ele *também* trabalha. Atrás do “também”, portanto, há toda uma ideologia de discriminação (LOURDES; DEIRÓ, 1979, p. 39).

A construção das oficinas

Foram 12 oficinas aplicadas, duas ao dia, divididas entre o período do noturno e do diurno, nos dias 22, 23, 26, 27, 28 e 29 de março de 2007. Nesta atividade com os alunos podemos observar comportamentos, ações e falas, que revelaram de forma profícua o pensamento deles acerca do que entendiam por relação mulher e homem, fato que era exposto por eles com os relatos de suas experiências e observações em seu cotidiano.

Diferentemente de uma noção de neutralidade apresentada na escola francesa que considerava os alunos como indivíduos despojados de qualquer característica social, até mesmo de uma origem étnica ou de sexo, podemos notar que os apontamentos dos alunos mostraram que este assunto não era indiferente a sua realidade e que muitas vezes os habitus construídos socialmente eram dados como fatos imutáveis pelos mesmos.

A visões e posicionamento nas ações elaboradas pelos sujeitos sociais, no caso, das meninas e dos meninos, dentro e fora da escola, era concebido pelos alunos como atitudes naturais, verdades incontestáveis. Assim, os debates tendiam a ser direcionados para um constante questionamento de pressupostos que não eram contestados pelos alunos.

A elaboração da oficina perpassou uma preocupação comum, a de trabalhar um assunto que estivesse presente no cotidiano dos alunos e que ao mesmo tempo possuísse uma representação na escola. O método visou explorar uma comunicação necessária entre escola e

sociedade para pensarmos em que medida, a instituição escola reproduz a dinâmica de poder vivida entre os sujeitos na sociedade e como produz formas muito particulares e específicas de opressão de gênero.

Para a consideração do tema, partimos da concepção de que os alunos não são sujeitos passivos no processo de transmissão de informação da mídia e que reagem ao que vêem seja reproduzindo, transformando ou negando. Contudo, temos que considerar com (SABAT, 2001), que os informes publicitários educam: partem de concepções existentes na sociedade, fixando-as de modo que o público possa compreendê-las e tomá-las como parâmetros reguladores da vida social.

De modo a compreender a particularidade das relações de gênero dentro de uma escola na cidade Marília, optamos por um tema que trouxesse impacto nas relações estabelecidas pelos alunos dentro e fora do tempo da escola, assim, o foco delimitado foi – *A influência da mídia nos papéis masculinos e femininos na sociedade no contexto escolar*.

As conseqüências da imagem do que é ser mulher e do que é ser homem afetam a vida escolar dos alunos e, por isso, vem se tornando motivo de estudo em vários países. Para Louro (2002), é necessário questionar as posições de sujeito que os meios de comunicação colocam a disposição de seus públicos, que representações de masculino e feminino são oferecidas a garotas e garotos num desenho da Disney, num programa como o da Xuxa. Com que personagens os jovens podem desejar se tornar parecidos e quais as que eles podem rejeitar? Como são construídas essas figuras? Por meio de que aparência física, de que gestos e comportamentos?.

A metodologia baseou-se em um encontro do grupo com a escola, onde se conheceu o espaço da unidade, os recursos disponíveis, tais como vídeo, biblioteca e por meio de uma reunião com a coordenadora, foi possível conhecer o perfil dos alunos que iríamos trabalhar.

A coordenadora, que trabalha há 16 anos na escola traçou, um perfil da mesma apontando algumas questões que considera relevante como, o fato de haver mais meninas que meninos e várias destas adolescentes, grávidas, além de constantes brigas entre elas causadas por disputas para conseguir relacionarem-se com determinados meninos, geralmente os mais populares do meio. A diretora da unidade informou-nos que as alunas da escola estariam muito *saidinhas*, ou seja, ligadas a práticas sexualizadas e intimidade amorosa em demasia; e que isto deveria ser combatido no conteúdo da oficina.

Na fala da diretora encontramos uma primeira problematização – a castração sexual era indicada para as meninas e apenas para as meninas, as atitudes dos meninos dentro desta relação, que abrange dois agentes, não era questionada. Barrie Thorne apud (CARVALHO,

2001), etnógrafa norte americana, descreve situações semelhantes em escolas de seu país, onde ela observou meninas de até nove anos, já com seu desenvolvimento físico quase completo, serem tratadas pelos educadores como “desviantes e até mesmo corrompidas ou viciosas”.

Diante de tais dados o trabalho teve como público - alvo, alunos e alunas do ensino médio, de idades entre 14 e 19 anos; revelou-se imprescindível apresentar atividades de caráter reflexivo, discutir com eles a influência dos meios de comunicação na idéia de relacionamento, as cobranças impostas para homens e mulheres de caráter tanto moral quanto comportamental e quais os elementos exaltados pela mídia como ideais.

Assim, os objetivos do projeto foram desconstruir os papéis sociais para os diferentes gêneros, discutir com os alunos e alunas as características exaltadas pela mídia como modelos de perfeição, o impacto destas exigências no cotidiano deles e delas, bem como os preconceitos que envolvem o não cumprimento de expectativas forjadas dentro do social.

A dinâmica empregada para trabalhar as demandas reconhecidas como essenciais para o objetivo de uma desconstrução dos papéis sociais de gênero foi, *Pessoas que admiro em* (AUAD, 2003, p.59).

A dinâmica foi adaptada à estrutura da escola e de forma sintética consistia em retirar imagens de revistas com fotos de homens e mulheres que chamaram atenção deles e em seguida escrever as qualidades destacadas.

Os alunos e as relações de gênero

Ao chegar na sala era pedido aos alunos que dispusessem as carteiras em forma de círculo, tal disposição do ambiente admitia uma maior interação entre todos, pois permitia que todos se vissem ao mesmo tempo, em conjunto, e se democratizava as atenções, uma vez que, não havia um lugar preciso e diferenciado entre os alunos e os membros da oficina.

Antes de iniciar as atividades os universitários se apresentavam e os alunos também, em seguida era explicado aos alunos como iria decorrer a oficina. Com oito pessoas para ministrar a atividade à sala era dividida em pequenos grupos que os próprios alunos organizavam em geral por afinidade.

Nos sub-grupos, o *oficineiro* estimulava uma prévia discussão sobre o conteúdo das imagens de homens e mulheres nas revistas e os alunos escolhiam a foto de um homem e de uma mulher e escrevia ao lado os elementos que chamaram a sua atenção, as qualidades

observadas. Feita esta primeira parte, os grupos retornavam para o círculo maior, onde cada um mostrava o seu cartaz e lia as características elencadas como destacantes, enquanto um universitário escrevia na lousa as qualidades separando-as em homens e mulheres.

O primeiro momento da atividade consistia na elaboração dos cartazes com as figuras escolhidas e apresentação dos mesmos para o restante da sala. Em todas as salas houve alunos que se recusaram a participar da atividade, geralmente alunos que não se concentravam na aula e que se negavam a integrar as discussões. Estes alunos com atitudes apáticas e de clara desmotivação na sala de aula revelavam que a escola para eles não poderia trazer qualquer contribuição para sua formação; escola para eles não possui outra dimensão que a de uma transmissão impositiva de um saber, aquele espaço não era mais interessante que as músicas de um MP3, alguns alunos escutavam música o tempo todo, seja dentro ou fora da aula.

Destarte, a ausência de uns poucos alunos não inviabilizou a atividade. Os grupos compostos por apenas meninos eram os mais exaltados, os meninos procuravam fotos de mulheres sempre de caráter *sexy*, como mulheres de lingerie, biquíni ou seminuas, dentro do grupo os meninos que não queriam colocar fotos provocantes recebiam piadas que colocavam a sua masculinidade em questionamento, auferia-se amplos sinônimos para a mesma característica – a de homossexual.

Nos grupos onde as meninas eram a totalidade ou a maioria significativa, predominavam imagens de homens exercendo uma atividade profissional.

Os grupos mistos eram os mais conflituosos, os meninos não aceitavam que no cartaz do grupo houvesse uma foto de um homem que as meninas achassem atraente, e as mesmas se sentiam constrangidas com as imagens que os meninos escolhiam, de mulheres despidas.

Terminado o cartaz, cada grupo deveria apresentar o seu para o restante da sala. Alguns grupos por uma profunda timidez, elemento claro da ausência de atividades, espaços de caráter interdisciplinar e de discussão sobre temas para além do conteúdo tradicional pedagógico na escola, se negavam a apresentar seu trabalho por medo de críticas dos outros alunos e também de não corresponder a uma expectativa dos *oficineiros*, nestes casos os mesmos liam.

Inúmeras vezes os meninos se recusavam a ler em público qualquer referência *positiva* que as meninas atribuíram as figuras de homens, quando alguns resolviam ler deixavam muito claro quem havia escrito aqueles adjetivos. Já as meninas não tinham problema algum em ler as qualificações dos dois gêneros.

Nota-se, neste primeiro momento, que os meninos tem uma grande preocupação em se colocar como indivíduos que portam uma virilidade, uma masculinidade, que é ressaltada no

conteúdo da figura que escolhem. Ser homem em sua forma mais expressiva era para os meninos, retratar as mulheres de forma mais sexualizada possível, quanto mais agressiva era a imagem, mais se afirmava uma vida sexual em potencial.

As discussões eram mediadas por alguns elementos bases, a observação do tipo de adjetivos empregados para os diferentes sexos, a frequência de alguns termos e como os alunos respondiam as reflexões colocadas pelos *oficineiros*.

Podemos notar que a estética possui pesos diferentes para meninos e meninas, o padrão estético considerado elogiável para os meninos era, salvo algumas exceções, extremamente semelhante ao imposto pela indústria cultural. Mulheres de cabelo liso, loiras, altas, olhos claros, seios grandes, magras e brancas, ou seja, a beleza colocada como válida era a criada por marcas de roupas e de outros produtos.

Na resenha sobre o livro – Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação (FRANÇA, 2005), revela que ao tratar das atividades físicas, dicas de moda e embelezamento do corpo nos editoriais de revistas voltadas para adolescentes em idade escolar, as revistas se colocam como orientadoras das meninas para que as mesmas se produzam como sujeitos singulares. Com Figueira (2003, p.188) podemos observar que,

[...] se *produzem* saberes que *criam* um determinado modelo de corpo, de menina de classe média, branca e heterossexual. As tops models são tomadas como norte, *glamourizando* um estilo de vida no qual a vigilância constante da própria aparência surge como naturalmente feminina.

As meninas teciam uma relação mais complexa com as imagens de mulheres escolhidas pelos meninos, para a maioria delas a maneira como as mulheres eram representadas nas revistas de grande circulação, seus corpos associados a produtos do mercado era digno de apreciação, na medida em que, se vislumbrava os proventos derivados de tal postura, tais como fama, referencial de beleza e estilo.

A outra parte das meninas embora negassem aquele padrão de beleza não o faziam baseados em uma crítica consciente, as reações agressivas buscavam desqualificar ou procurar defeitos nas mulheres das imagens, o que mais parecia um desabafo frente à pressão social que sofriam ao destoar em alguma estância do padrão ali representado, do que de fato uma

reflexão calcada em uma visão de mundo contra modelos a priori de comportamento e estética para os indivíduos.

Nas figuras de homens retiradas por meninos era comum encontrarmos jogadores de futebol ou mesmo alguma personalidade milionária da mídia, a busca por uma ascensão social era freqüentemente lembrada como uma oportunidade de partilhar de uma vida de conforto e conquistar mulheres.

Nas figuras de homens retiradas pelas meninas via-se outra perspectiva, os homens eram retratados não em poses sensuais, mas praticando atividades esportivas, trabalhando como empresários e pertencente a um rol de personalidades políticas. As fotos de caráter mais sexualizado nem sempre era consenso entre as meninas e prevaleciam adjetivos como inteligente, simpático, elegante, romântico, charmoso.

A informação passada aos alunos era a de que deveriam retirar das revistas figuras de pessoas que admirem, que chamem a sua atenção, as figuras de mulheres escolhidas tanto por meninos quanto por meninas estavam quase que inteiramente associadas à estética, haja vista a freqüência de adjetivos como: bonita, gostosa, sensual, olhos bonitos, se veste bem e branca identificados nos cartazes. Entre as figuras de mulheres não havia negras, mulheres mais velhas ou obesas.

Assim, nota-se o contorno de vontades, desejos e estética de caráter conservador e inibidor da diversidade étnica e cultural.

As proposições da mídia em relação à estética aplicam-se às relações entre os alunos na escola, os apelidos *maldosos* são estratégias para ridicularizar as diferenças, recebe apelido quem possui qualquer elemento fora de um padrão, um nariz maior que o *normal*, um corpo fora das medidas recomendáveis entre outros exemplos. Os alunos a todo o momento não escondiam o desejo em se tornar às pessoas que retrataram como admiráveis fato que torna nítido o papel da mídia na criação de um ideal de beleza, mídia esta que está presente em todos os lugares, inclusive na escola.

Constatada a freqüência e o tipo de adjetivos para os homens e as mulheres elencados pelos alunos, se faz necessário pensar com estas informações o impacto daquelas verificações no cotidiano deles.

Quando perguntados porque as qualificações eram diferentes para homens e mulheres, a maioria dos meninos diziam que as mulheres eram mais bonitas. Por notar que a mulher aparecia inúmeras vezes mais exposta do que eles em revistas - que publicam pessoas “bonitas” - os alunos entendiam que havia mais indivíduos do sexo feminino belos que do sexo masculino.

Por entender a mediação entre a teoria e realidade como necessária para a compreensão do objeto, foi pedido aos alunos que pensassem acerca das imposições da mídia em suas vidas.

Muitos não reconheciam a influência da mídia em seu estilo, aparência e idéia de beleza, fato coerente com a proposta deste seguimento, o de aprofundar a alienação e criar uma falsa ilusão de originalidade e individualidade dentro de uma sociedade massificada.

Os alunos mesmo não observando as pessoas que viam na tv ou revista em seu cotidiano, eram a elas que se remetiam para citarem exemplos de modelo de beleza. Os alunos dificilmente questionavam os padrões de beleza, tentavam ser, reproduzir um pouco dele em si, como alisar os cabelos e emagrecer, tudo na tentativa de uma inclusão num mundo que não existe em sua realidade, que é em sua concretude uma invenção mecânica proporcionada pelos meios de comunicação.

Nota-se aqui, que a cor de pele branca apareceu diversas vezes como um adjetivo positivo, partícipe de um conjunto de beleza desejável pelas alunas. A estética atrelada à raça foi contatada pela professora Érica Renata de Souza em sua experiência em uma escola pública de Campinas,

Na estrutura das relações na 4ª série não há diferenças raciais, mas cada criança ali presente carrega percepções negociadas e construídas em vários contextos (família, mídia igreja etc.). Dessa forma, as crianças da 4ªB, apesar da ausência visível de corpos marcados pela raça negra, tem percepções incorporadas sobre as diferenças de raça e os padrões estéticos a elas relacionados a suas hierarquias de status social. Em outras, o referencial é a beleza branca ocidental européia (SOUZA, 2006).

Outro elemento muito presente nas considerações dos alunos era sobre as pessoas que assumem práticas afetivo-sexuais distintas dos padrões socialmente desejáveis, os homossexuais. Esta questão era de extrema relevância nos grupos de meninos, onde qualquer dúvida acerca da sexualidade de algum colega em sala ou na escola era motivo para um deboche coletivo ou mesmo isolamento do individuo; as meninas de uma forma geral não se manifestavam. Em uma sala presenciamos um caso específico de um garoto homossexual

assumido; durante a oficina, os outros alunos da sala esconderam o seu material e faziam constantemente piadas homofóbicas para se referir a ele. Este garoto era recebido apenas por um grupo de meninas, que o tratavam como mais uma menina do grupo.

O encerramento das oficinas dirigia-se à reflexão da questão do preconceito e discriminação contra as pessoas que não seguem os padrões impostos pela mídia, seja de beleza, sexualidade ou comportamento. As discussões tendiam a colocar em reflexão o modo como tratamos o diferente, o que está a margem.

Durante as atividades na escola podemos perceber que a visão que os alunos possuem dos estereótipos sociais é ainda orientada por valores tradicionais, ou seja, tem a heterossexualidade como modelo correto de viver a sexualidade e associam a vaidade às mulheres.

Conforme argumenta Carvalho (2005), curiosamente as meninas são estimuladas a serem mais vaidosas que os meninos, contudo isto não significa que quando buscam seus parceiros este seja o critério de maior relevância como é para os meninos. Estas diferenças denotam que as meninas sentem mais os impactos de uma ditadura da beleza, onde o feminino é constantemente enaltecido pelos meninos e configura-se como uma busca identitária nas meninas.

Esta visão engessada que associa indivíduos a um estereótipo, expresso na aparência, acaba por criar modelos a serem seguidos e uma vez sendo modelos, no seu sentido mais cruel, não compreende o que está fora desta forma criada culturalmente.

O despreparo dos alunos em situações onde a sua opinião era requerida demonstrava a escassez de situações em que isto era fato, o reflexo desta deficiência era um profundo desrespeito com a fala do outro colega de sala, com constantes interrupções e deboche das idéias expostas, o que por sua vez, provocava uma diminuição de intervenções. Estas experiências acabaram por revelar o quanto à escola era carente na promoção de espaços coletivos de discussão.

Os professores e sua participação

O horário utilizado para a realização das oficinas era o das aulas dos professores, que por um descompromisso da unidade, muitas vezes não eram informados da atividade que ocorreria. Assim, quase todos eles permaneciam na sala e espontaneamente faziam intervenções sobre os temas discutidos.

Considerando que a figura do professor para os alunos assemelha-se muitas vezes a figura de uma autoridade que detém um saber válido e que suas falas possuem um significado que pode influenciar e inculcar valores. Tal relação ficava clara quando os professores mesmo fora de seu espaço enquanto transmissor de um conhecimento queriam conter os alunos por meio de ameaças de punição.

O papel do professor como afirmador de uma feminilidade para a mulher em diversos momentos foi observado. Quando as meninas escolhiam fotos de conotação sexual a postura era diferente, era de total indignação, expresso, por exemplo, na atitude uma de professora de retirar bruscamente das mãos de uma aluna uma imagem recortada pelo grupo.

Quando os meninos retiravam fotos de mulheres seminuas de revistas de grande circulação algumas professoras riam balançando a cabeça, no sentido de colocar uma reprovação para o ato, mas também de ser compreensiva para com uma atitude esperada dos meninos.

Uma das professoras insistiu em relatar sua experiência pessoal, de como não se subjugava dentro de seu casamento, associava a sua emancipação feminina à continuidade do uso de fio dental na praia, a contra gosto de seu marido.

As imagens construídas de libertação da mulher dentro do sistema capitalista, como a que trabalha fora de casa, que não precisa de homens para ter filhos e que alcança postos de comando dentro da hierarquia empresarial demonstra seus claros objetivos, o de negar uma discussão central, a de que os papéis sociais impostos aos homens e as mulheres têm uma função essencial para a manutenção da lógica de exploração dos indivíduos uns sobre os outros.

E a instituição escola possui parte de responsabilidade nesta estrutura ao garantir a reprodução das desigualdades de gênero da sociedade no espaço da escola. Durante o evento da Semana da Mulher 2007, foi exibido um filme na escola em questão para discutir a questão de gênero, contudo os alunos se queixaram, pois foram apenas alguns alunos, do sexo feminino e os escolhidos eram os alunos mais indisciplinados da escola, a intenção refletida nesta ação era, na verdade, liberar a sala para uma aula mais tranquila.

Apenas as meninas foram chamadas a se envolver em um debate sobre gênero, os meninos foram excluídos por serem considerados como desnecessários e pela discussão ser alheia a eles. Esta postura acaba por atribuir a um dos gêneros o papel de reflexão sobre a opressão a que é acometido e dispensa os outros agentes envolvidos como se dependesse de uma parte isolada produzir saídas para sua emancipação.

Ainda durante as oficinas, observamos a escola se organizar para um concurso chamado, *Miss Colegial*. Este concurso consiste em uma disputa entre os alunos das escolas de Marília na escolha de qual a aluna e o aluno mais bonito, cabe a cada escola enviar um representante. No colégio observado os funcionários, a diretora e professores foram os júris para o concurso interno.

A escola oferece poucas atividades para os alunos e as que havia como o campeonato de futebol, foi cancelada. Ao atribuir significado a este tipo de atividade, um concurso de beleza que tem por base uma hierarquia estética, pois premia indivíduos baseados em critérios nenhum pouco objetivos ou coerentes, estimula a uma ditadura da beleza e a um espírito concorrencial entre alunos.

Considerações finais

A complexidade do debate sobre gênero, contudo, tem indicado que múltiplas dimensões interferem na questão de gênero e a escola é uma das dimensões responsáveis pela produção e reprodução das desigualdades fundadas nas diferenças de gênero.

Como uma esfera do social, a escola é indissociável a uma dinâmica externa a ela, a sociedade, e neste sentido ela também pode ser responsável pelo fortalecimento de uma ideologia que explora a estética dos indivíduos para a venda e o consumo. Os acontecimentos da sala de aula são influenciados pelo que acontece nas esferas mais amplas da organização social e, dessa forma, a sala de aula reflete a sociedade na qual está inserida.

Meninos e meninas sofrem igualmente com a maneira como o masculino e o feminino são ensinados na escola, e para compreender as múltiplas opressões de gênero na escola é preciso levar em conta tanto às condições socioeconômicas, históricas e culturais de origem do aluno, quanto de funcionamento das escolas, o preparo dos professores, os critérios de avaliação e etc.

As diversidades culturais precisam começar a serem trabalhadas como aliadas para a eliminação das desigualdades entre os gêneros e não como estanques e o professor tem um importante papel nesta construção, pois suas praticas conforme constatamos em nossa análise tem infelizmente dificultado propostas efetivas na tentativa de busca por uma equidade dos gêneros.

Referência bibliográfica

AUAD, Daniela. A criança não deve ser estereotipada (2006). Biblioteca Virtual. Disponível em << http://www.vcp.com.br/bienal/palestra_15_03_02_resenha.htm.

AUAD, Daniela. Feminismo: que história é essa? (2003). São Paulo, DP&A.

CARVALHO, Alysson Massote. Oficina em sexualidade humana com adolescentes (2005). Revista Estudos de Psicologia v.10 n.3. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v10n3/a06v10n3.pdf>

CARVALHO, Marília. *Mau aluno, boa aluna?. Como as professoras avaliam meninos e meninas* (2001) In Rev. Estud. Fem. v.9 n.2 Florianópolis. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8640.pdf>

FIGUEIRA, Maria Luiza. In Revista Estudos Feministas (2003) v.13. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.

FRANÇA, Kelly B. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação (2005). In Revista Estudos Feministas v.13 n.1. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/esef/ceme/grecco/atividades/corpo_introducao.htm

GIOVANNETTI, Gilberto; ARAUJO, Marilse; ALVES, Vera. Proposta Curricular para o Ensino Médio de Sociologia - CENP – 2º Grau (1990). São Paulo, República Federativa do Brasil.

LOURDES, Maria de; DEIRÓ, Chagas. As belas mentiras (1979) São Paulo, Editora Moraes. 1979.

LOURO, Guacira. Gênero, democracia e sociedade brasileira (2002). São Paulo, Editora.

MOREIRA, Maria; PIKOWSKY, Lílian (2004). *Indisciplina na escola: uma questão de gênero*. In Educação em Revista v.4. São Paulo, Record.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade (2001). In Revista Estudos Feministas v.9 n.1 Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/381/38109102.pdf>

SOUZA, Érica Renata (2006), Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar. In Cadernos Pagu v.26. Campinas: Editora Pagu. Disponível em: <http://www.unicamp.br/pagu/cadernos26.html>

WALKERDINE, Valerie (1995). O raciocínio em tempos pós-modernos. *Educação e Realidade*, n.20, v.2, jul./dez., Porto Alegre.

(Durkheim, 2005: 35)

THERBORN, Göran. (2006), *Sexo e Poder: a família no mundo 1900-2000*. Tradução de Elisabete Dória Bilac. 2ª edição, São Paulo, Contexto.